

**ANA PAULA JUSTO**

**A INFLUÊNCIA DO ESTILO PARENTAL NO STRESS DO ADOLESCENTE**

**Fevereiro  
2008**

**ANA PAULA JUSTO**

**A INFLUÊNCIA DO ESTILO PARENTAL NO STRESS DO ADOLESCENTE**

Monografia apresentada ao Instituto de Psicologia e Controle do Stress como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Terapia Comportamental Cognitiva.

**Orientadora:** Dra. Marilda Emmanuel Novaes Lipp

**Fevereiro  
2008**

**ANA PAULA JUSTO**

**A INFLUÊNCIA DO ESTILO PARENTAL NO STRESS DO ADOLESCENTE**

**Banca Examinadora**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marilda Emmanuel Novaes Lipp**  
**Orientadora**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karina Magalhães Brasio**

---

**Prof<sup>a</sup> Maria Angélica Sadir**

**Fevereiro  
2008**

*Dedico ao meu marido, Fábio, pelo seu incentivo constante e entusiasmo diante de minhas conquistas.*

## SUMÁRIO

Índice de tabelas.....	06
Índice de gráficos.....	07
Índice de anexos.....	08
Apresentação.....	09
Resumo .....	10
Abstract.....	11
Introdução.....	12
Objetivo.....	18
Método.....	19
Resultados.....	23
Discussão.....	27
Conclusão.....	32
Referências.....	34
Anexos.....	39

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b>	Estatísticas descritivas dos escores da ESA.....	<b>24</b>
<b>Tabela 2:</b>	Estatísticas descritivas dos escores das escalas de exigência e responsividade parental.....	<b>24</b>
<b>Tabela 3:</b>	Correlações entre escores de exigência/responsividade e stress.....	<b>25</b>

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

<b>Figura 1:</b> Nível de stress da amostra.....	<b>23</b>
<b>Figura 2:</b> Estilo parental.....	<b>25</b>
<b>Figura 3:</b> Comparação entre os escores de sintomas de stress e os estilos parentais.....	<b>26</b>

## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>Anexo A:</b> Escala de Stress para Adolescentes – ESA.....	<b>39</b>
<b>Anexo B:</b> Escala de Responsividade e Exigência Parental Percebidas.....	<b>43</b>

## APRESENTAÇÃO

Estando envolvida com pesquisas sobre stress desde 2000, a partir de minha experiência como bolsista de Iniciação Científica e de Apoio Técnico no Laboratório de Estudos Psicofisiológicos do Stress da PUC-Campinas, pude me aprofundar na compreensão da reação de stress e de suas conseqüências para a saúde física e mental das pessoas. No entanto, identifiquei a escassez, nessa área, de estudos voltados para o adolescente. Partindo de um interesse pessoal inicial e de uma necessidade demonstrada pelas pesquisas e pela sociedade, busquei aprofundar meus estudos na compreensão da manifestação do stress excessivo na fase da adolescente.

O tema stress na adolescência, suas causas e conseqüências, começaram recentemente a chamar a atenção de pesquisadores. A própria fase da adolescência apresenta-se como um fator estressante devido às rápidas modificações características do período. Porém, outros fatores também podem agir no desencadeamento e/ou manutenção do stress, tais como estrutura familiar, estilo parental, problemas de saúde, situação socioeconômica dos pais, entre outros.

O contexto familiar, principalmente as relações entre pais e filhos, é essencial para os estudos com adolescentes. É dentro do ambiente familiar que as relações serão estabelecidas e, por sua vez, serão determinantes para o desenvolvimento de grande parte dos comportamentos e habilidades dos filhos. Uma das formas de se avaliar a interação familiar e seu impacto no adolescente é a investigação dos estilos parentais. Essa abordagem vem sendo muito utilizada em estudos internacionais, porém, ainda é pouco conhecida no Brasil. De forma geral, os estudos nessa área indicam a relação do estilo parental tanto com processos normativos do desenvolvimento quanto com a etiologia de aspectos patológicos do adolescente.

A presente monografia apresentada à banca examinadora do Instituto de Psicologia e Controle do Stress como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Terapia Comportamental Cognitiva, descreve parte dos resultados obtidos em minha pesquisa de mestrado, onde busquei avaliar a influencia do estilo parental no stress do adolescente. Será apresentada na forma de artigo a ser enviado para publicação em revista científica.

## RESUMO

Este estudo investigou a influência do estilo parental sobre os níveis de stress de adolescentes. Participaram do estudo 100 adolescentes, 37 do sexo masculino e 63 do sexo feminino, na faixa etária de 13 a 18 anos. Para a avaliação foi utilizado a Escala de Stress para Adolescentes (ESA) e às Escalas de Exigência e Responsividade Parental Percebidas. Houve correlação positiva entre o estilo parental dos progenitores e o nível de stress dos filhos adolescentes ( $p= 0,004$ ). O estilo indulgente esteve mais presente em pais de filhos sem stress; já o estilo autoritário seguido pelo negligente esteve mais presente em pais de filhos com stress. O estilo autoritativo ocupou uma posição intermediária. A responsividade parental se apresentou como um aspecto protetor para o stress dos filhos, por outro lado, a exigência parental demonstrou ser uma fonte de stress para os filhos adolescentes. Os resultados abrem um novo espaço para estudos nesta área, além da necessidade do desenvolvimento de programas de profilaxia e controle do stress para adolescentes.

**Palavras-chave:** stress; adolescência; estilo parental; exigência parental; responsividade parental.

## ABSTRACT

This issue investigated the parenting style influence about the levels of stress in the adolescent. Participated in the research were 100 adolescents. Thirty seven male and 63 female in the age group of 13 to 18 years. All of the participants respond to the Scale of Stress for Adolescents and The Scale of Observed Parenting Responsiveness and Demands. There was a correlation between the combined parenting style and the stress of the adolescents ( $p=0.004$ ). The data suggests that there is a relationship between the parenting style of the parents and the level of stress of their adolescents children. The indulgent style was more presents of children with stress. The authority style, followed by the negligent style, on the other hand, was more present among parents of stressed adolescents. The authority style held an intermediate position. The parental responsiveness was presented as a protector aspect for the stress of the adolescents. High levels of parental demandingness were shown to add the stress of the adolescents. The results open a new space for other issues in this area, besides the need of the development of prophylaxis programs and control of stress for adolescents.

**Keywords:** stress, adolescence, parenting style, parental demandingness, parental responsiveness.

## INTRODUÇÃO

As intensas mudanças que marcam a fase da adolescência (biológicas, cognitivas, emocionais e sociais) tornam este período especialmente vulnerável, possibilitando a manifestação de problemas psicológicos e comportamentais. Muitos destes problemas serão desencadeados pela reação de stress gerada pela inabilidade de lidar com os estressores desta fase. As transformações cognitivas e físicas associadas à puberdade exigem do adolescente uma capacidade de ajustamento e flexibilidade psicológica, que por si mesmas já se constituem relevantes estressores (Leal, 2001).

O stress é definido por Lipp (1996) “como uma reação do organismo, com componentes físicos e/ou psicológicos, desencadeada pelas alterações psicofisiológicas que ocorrem quando a pessoa se confronta com uma situação que a irrite, amedronte, excite ou confunda, ou mesmo que a faça imensamente feliz” (p.20). O evento ou o fato responsável pelo desencadeamento da reação de stress é chamado de estressor, e estes são classificados de duas formas: externos e internos (Lipp, 1996). As fontes externas de stress são eventos que ocorrem fora do corpo e da mente da pessoa, mas afetam sua vida, como morte, acidente, doenças e até as próprias relações interpessoais do cotidiano, e independem, na maioria das vezes, do mundo interno das pessoas. Já por fontes internas de stress, compreende-se tudo que faz parte do mundo interno da pessoa, como: cognições distorcidas, modo de ver o mundo, nível de assertividade, crenças, valores, padrão de comportamento, vulnerabilidades, ansiedade, esquemas de reação à vida (Lipp & Malagris, 2001), expectativas irrealistas e perfeccionismo.

Na adolescência, as transformações ocorrem em grande quantidade e numa velocidade maior que em outras fases do desenvolvimento, essas intensas mudanças causam a quebra da homeostase, desencadeando a reação de stress nos adolescentes (Greenberg, 1996) e tornando-o suscetível ao stress (Franca & Leal, 2003). Segundo Greene e Walker (1997) o stress está presente na vida de grande parte dos adolescentes de hoje, podendo causar impacto a sua saúde e seu bem-estar. O stress excessivo em adolescentes pode se manifestar em inúmeros sintomas físicos, como: dor abdominal periódica, dores de cabeça, dor no tórax, fadiga crônica entre outros, mas também pode aparecer associado a algumas condições

emocionais, como ansiedade e depressão; em muitos casos, essas condições se manifestam juntamente com os sintomas físicos (Greene & Walker, 1997).

Os adolescentes que possuem apoio familiar e de pares lidam melhor com os estressores, a competência social também demonstra agir como um recurso positivo para o adolescente, juntamente com a avaliação cognitiva da situação (Greene & Walker, 1997). Tricoli e Bignotto (1999) enfatizam a influência das mensagens de socialização recebidas desde a infância como um fator importante no enfrentamento das situações estressantes.

É na infância que as fontes internas de stress começam a ser desenvolvidas, de acordo com as mensagens e valores transmitidos pelos adultos responsáveis pela educação da criança. O processo de socialização é responsável por transmitir aos filhos comportamentos, habilidades, motivação, valores, convicção e padrões que são característicos, apropriados e desejáveis em sua cultura (Newcombe, 1999; Tricoli & Bignotto, 1999), ou seja, por meio da aprendizagem social, a criança desenvolve seu padrão de pensamento, seu tipo de personalidade e atitudes. Dessa forma, os pais são os agentes primordiais da socialização de muitas das características emocionais, cognitivas e comportamentais dos filhos, e essas, por sua vez, estão relacionadas às formas específicas de criação adotadas pelos pais. Segundo Pereira e Tricoli (2003) os pais exercem um papel fundamental no desenvolvimento da vulnerabilidade ao stress, sendo que crianças adequadamente criadas tendem a ser mais resistentes e se recuperam do stress com maior facilidade.

Dentro das inúmeras possibilidades de compreensão das relações que se estabelecem entre pais e filhos, destacam-se os estilos de controle parental apresentados nos estudos de Baumrind (1967, 1971), que definiu três tipos de estilos parentais: autoritativo, autoritário e permissivo. Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) propuseram um modelo teórico de estilos parentais utilizando duas dimensões fundamentais nas práticas educativas dos pais denominadas exigência (*demandingness*) e responsividade (*responsiveness*). Com a análise do cruzamento dessas duas dimensões, os autores apresentaram quatro estilos parentais, sendo mantido o padrão autoritário e autoritativo descritos por Baumrind (1967, 1971). O antigo padrão permissivo foi transformado em dois novos padrões: indulgente e negligente.

A dimensão exigência refere-se as atitudes dos pais que buscam de alguma forma controlar o comportamento dos filhos, impondo-lhes limites e estabelecendo regras (Teixeira, Bardagi, Hutz & Gomes, 2004). Inclui, ainda, comportamentos de supervisão, monitoramento, cobrança e disciplina consistente e contingente por parte dos pais (Baumrind, 1997). Já a responsividade se refere à capacidade dos pais em serem contingentes ao atender às necessidades e às particularidades dos filhos (Darling & Steinberg, 1993), inclui as atitudes compreensivas que os pais têm para com os filhos e que visam, através do apoio emocional e da comunicação, favorecer o desenvolvimento da autonomia e da auto-confiança dos jovens (Costa, Teixeira & Gomes, 2000).

Segundo Darling e Steinberg (1993), o estilo parental representa o contexto dentro do qual operam os esforços dos pais para socializar os filhos de acordo com suas crenças e valores. Também pode ser compreendido como um clima emocional que perpassa as atitudes dos pais, cujo efeito é o de alterar a eficácia de práticas disciplinares específicas, além de influenciar a abertura ou predisposição dos filhos à socialização (Costa, Teixeira & Gomes, 2000).

A tipologia de estilos parentais definidas por Maccoby e Martin (1983), classifica os pais com elevada responsividade e exigência como autoritativos; já aqueles que apresentam baixa responsividade e exigência são tidos como negligentes. Pais muito responsivos, mas pouco exigentes são categorizados como indulgentes, enquanto os muito exigentes e pouco responsivos são tidos como autoritários. Os pais que utilizam o padrão autoritário agem de forma rígida, buscando o respeito por meio da imposição da autoridade; esperam, dessa forma, total obediência de seus filhos. A relação é unilateral, os pais não encorajam o diálogo e a autonomia, buscam modelar, controlar e avaliar o comportamento dos filhos de acordo com regras bem estabelecidas (Baumrind, 1971; Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts & Fraleigh, 1987). Utilizam-se da ameaça de punição e da privação de afeto e privilégios, gerando medo, ansiedade, raiva e retraimento social nos filhos (Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg & Ritter 1997; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts & Dornbusch, 1994). Pais autoritários mantêm um alto nível de controle psicológico sobre os filhos, que se sentem vigiados, diminuídos e criticados (Aunola, Stattin & Nurmi, 2000).

Segundo Lubi (2002), pais autoritários fazem uso da coerção com relação ao filho, para que esse chegue ao comportamento desejado ou para que o comportamento indesejado não ocorra novamente. A punição é utilizada com frequência nesse estilo, por outro lado, é pouco utilizado o reforço positivo, sendo assim, o comportamento torna-se controlado por regras. Para Guilhardi (2002), pais punitivos acabam produzindo sentimentos de culpa e ansiedade em seus filhos, além de outros comportamentos inadequados, como a mentira.

O padrão autoritativo (*authoritative*, no original) também se caracteriza por um alto nível de controle, porém os pais que utilizam este estilo disponibilizam aos filhos as razões para as regras impostas e favorecem o diálogo. A liberdade e a autonomia são encorajadas pelos pais, que se apresentam responsivos às opiniões e necessidades dos filhos, respeitando seus interesses individuais, suas qualidades e competências. As atividades dos filhos são administradas de forma racional, com padrões de conduta e regras bem estabelecidos e razoáveis (Baumrind, 1971; Grusec & Lytton, 1988). Pais autoritativos demonstram interesse em participar da vida dos filhos, sempre sabem onde estão, o que estão fazendo e com quem estão (Aunola et al., 2000). Sabem utilizar tanto da punição quanto do reforço positivo, porém de maneira contingente ao comportamento emitido pelo filho. Dessa forma, os pais tornam as crianças mais aptas para discriminar as relações entre o seu comportamento e o ambiente (Lubi, 2002). Segundo Alvarenga (2001), os filhos de pais autoritativos compreendem as implicações de suas ações e os motivos que justificam a necessidade de mudança do seu comportamento, também desenvolvem autonomia para controlar seu próprio comportamento.

O padrão indulgente se caracteriza pelo alto grau de responsividade, tolerância, afeto, e pelo baixo controle do comportamento dos filhos. Pais indulgentes não fazem exigências nem utilizam punição, também não exigem comportamentos maduros dos filhos, permitem que eles se comportem de forma independente e autônoma (Aunola et al., 2000). São pais que apresentam falta de consistência em suas atitudes, já que não utilizam nem do reforço positivo, nem da punição para modificar o comportamento do filho, ou seja, são pais que não se preocupam em adequar o comportamento de seus filhos (Lubi, 2002).

Já o padrão negligente, caracteriza-se pela falta tanto de controle dos comportamentos dos filhos, quanto de afeto e atitudes contingentes. Segundo Maccoby e Martin (1983), pais negligentes não se envolvem com seus papéis de pais e em longo prazo, os componentes do

papel parental tendem a diminuir cada vez mais, às vezes a desaparecer, até restar uma mínima relação funcional entre pais e filhos. Uma criação negligente, falha tanto em estabelecer condições para o desenvolvimento de competências acadêmicas e sociais quanto em bons níveis de bem-estar psicológico nos filhos (Aunola et al., 2000; Glasgow et al., 1997; Lamborn et al., 1991; Maccoby & Martin, 1983). Segundo Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg (2004) o estilo parental negligente não pode ser confundido com a negligência abusiva, considerada uma violência contra criança na literatura sobre maus-tratos. A negligência abusiva ocorre quando os pais ou responsáveis não suprem as necessidades básicas (necessidades físicas, sociais, psicológicas e intelectuais) dos filhos.

Segundo Teixeira et al. (2004), a abordagem dos estilos parentais tornou-se uma das mais utilizadas na investigação das interações socializadoras na família e sua influência sobre os filhos ao longo do tempo, por ser uma abordagem objetiva, parcimoniosa e centrada em aspectos principais, como controle (exigência) e afeto (responsividade), disponibilizado pelos pais. No Brasil, essa abordagem começou a ser utilizada há pouco tempo, alguns estudos nacionais com amostras de adolescentes têm confirmado os resultados encontrados nas pesquisas internacionais, apontando a relevância dos estilos no processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes (Costa et al., 2000; Pacheco, Teixeira & Gomes, 1999; Reppold, 2001; Teixeira et al., 2004).

Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991) propuseram a utilização de escalas de responsividade e exigência para classificar os estilos: autoritário, autoritativo, indulgente e negligente. Segundo Teixeira et al. (2004), mesmo sem a intenção de classificar tipologicamente os comportamentos parentais em estilos definidos, a identificação dos níveis de exigência e responsividade parentais disponibilizados constitui-se em importante elemento para o diagnóstico e planejamento de intervenções com pais e filhos. Costa et al. (2000) adaptaram o instrumento norte-americano (Lamborn et al., 1991) para ser utilizado em amostras brasileiras. Após as primeiras análises do instrumento adaptado, foram apontadas limitações em sua abrangência de conteúdo. Com o objetivo de suprir tais limitações, Teixeira et al (2004) realizaram o refinamento deste instrumento.

A partir dos estudos de Baumrind (1967, 1971) e de Maccoby e Martin (1983), os estilos parentais vêm sendo utilizados amplamente em pesquisas que buscam verificar a

ligação entre os padrões de interação familiar e o funcionamento do adolescente e do adulto jovem (Glasgow et al., 1997; Lamborn et al., 1991; Pacheco et al., 1999; Parish & McCluskey, 1992; Smetana, 1995; Steinberg et al., 1994; Strage & Brandt, 1999). Os estudos atuais, em sua maioria, confirmam os achados de Baumrind (1967, 1971). Porém pesquisas que visem relacionar o estilo parental com o stress, ou a vulnerabilidade ao stress, em adolescentes, ainda não foram encontradas. Com o objetivo de suprir essa lacuna na literatura, o presente estudo buscou compreender a relação entre o estilo parental e o stress em uma amostra de adolescentes.

## **OBJETIVO**

### **Objetivo Geral**

Investigar a relação entre o estilo parental e o nível de stress de adolescentes.

### **Objetivos Específicos**

1. Diagnosticar o nível de stress de adolescentes.
2. Avaliar o estilo parental dos pais a partir da percepção de adolescentes.
3. Verificar o nível de associação entre o estilo parental percebido e o nível de stress de adolescentes.

## MÉTODO

### *Participantes*

Foram avaliados 100 adolescentes, 37 do sexo masculino e 63 do sexo feminino, na faixa etária entre 13 e 18 anos, sendo a média de 15 anos. Com nível socioeconômico médio-baixo, estudantes de escola pública estadual de ensino fundamental e médio, de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Cursavam o último ano do ensino fundamental e o 1<sup>o</sup>. e 2<sup>o</sup>. ano do ensino médio do período matutino. Excluíram da pesquisa os participantes que não preenchiam os critérios de inclusão ou apresentavam um dos critérios de exclusão descritos abaixo. O sexo dos respondentes não foi uma variável pré-determinada e a diferença entre o número de participantes dos dois sexos ocorreu naturalmente.

### *Crítérios de Inclusão dos Adolescentes*

- **Escolaridade**

Foram selecionados somente os alunos que estavam cursando a 8<sup>a</sup>. série do ensino fundamental e o 1<sup>o</sup>. e 2<sup>o</sup>. ano do ensino médio. O 3<sup>o</sup>. ano do ensino médio foi excluído pela presença de alguns fatores estressantes, como a escolha profissional e o vestibular.

- **Morar com pai e mãe biológicos**

Foram selecionados os adolescentes que moram com seu pai e sua mãe biológicos. Para que a avaliação do estilo parental fosse feita era necessário que o adolescente tivesse os pais presentes no seu cotidiano, já que o instrumento de avaliação se baseia em fatos do dia-a-dia do adolescente que envolvem os pais.

- **Concordância do adolescente em participar do estudo**

Os participantes foram informados sobre o objetivo e o procedimento do estudo. Somente a partir da concordância do adolescente foi realizado o contato com os pais.

- **Concordância dos pais para a participação do estudo**

Os pais foram informados do objetivo e do procedimento do estudo e o adolescente só participou da pesquisa após o consentimento dos pais.

### *Critérios de Exclusão dos Adolescentes*

- **Adolescentes que moram apenas com um dos pais ou com pais substitutos**

Participantes que moram com um dos pais ou com pais substitutos não foram incluídos no estudo.

- **Deficiência Mental**

Não foram incluídos participantes portadores de deficiência mental ou de transtorno psiquiátrico diagnosticado.

- **Preenchimento inadequado dos instrumentos**

Foram excluídos os participantes que apresentaram algum problema no preenchimento dos instrumentos de avaliação, como tópicos não preenchidos ou rasura que impossibilitasse a compreensão das respostas.

### *Instrumentos*

Foram utilizados os seguintes instrumentos:

a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O termo utilizado seguiu as normas estabelecidas pela Resolução do Conselho Federal de Psicologia, publicada em dezembro de 2000, da Resolução 196/96 do Ministério da Saúde e as Normas do Comitê de Ética da PUC-Campinas. Foi elaborado um termo para o participante (adolescente) e também um termo para os pais ou responsáveis.

b) Escala de Stress para Adolescentes – ESA: criada e validada por Tricoli (2002), tem por objetivo avaliar o nível de stress em adolescentes na faixa etária entre 14 e 18 anos. É composta por 44 itens e a avaliação é feita por meio da soma dos escores dos referidos itens segundo a escala de Likert de cinco pontos relativos à intensidade dos sintomas (variando de (1) nunca sente a (5) sente sempre) e a uma pontuação relativa ao período em que os sintomas vêm ocorrendo (variando de (1) não ocorreu a (5) tem ocorrido nos últimos 6 meses). A análise dos dados foi realizada com a classificação dos respondentes em grupos definidos a partir dos quartis da distribuição dos dados. De acordo com a pontuação de sintomas da ESA, os sujeitos foram classificados em “sem stress”, “stress moderado” e “stress excessivo”. Foram utilizados os dados da distribuição da amostra do presente estudo para a definição dos valores de corte em cada subescala. Foram considerados “sem stress” aqueles que pontuaram

até o primeiro quartil (25% da amostra com menores níveis de pontuação), “stress excessivo” os que pontuaram a partir do terceiro quartil (25% da amostra com maior pontuação) e “stress moderado” os 50% intermediários. Esse padrão de classificação da ESA já foi utilizado por Frare (2004) em seu estudo sobre o uso de substâncias psicoativas e stress em adolescentes brasileiros. Com relação ao período de ocorrência dos sintomas, os dados foram analisados a partir do escore total obtido com a soma da pontuação.

b) Escalas de Exigência e Responsividade Parental Percebidas (Teixeira et al.,2004) é um refinamento do instrumento adaptado por Costa et al. (2000) do estudo norte-americano de Lamborn et al. (1991), e tem por objetivo avaliar os níveis de exigência e responsividade parentais percebidos entre adolescentes. As escalas não apresentam uma classificação tipológica dos comportamentos parentais em estilos definidos; seus resultados demonstram o nível das dimensões de exigência e responsividade parentais percebido. Os níveis de exigência e responsividade são apresentados com relação à mãe e ao pai separadamente, além do nível combinado que corresponde à média entre o pai e a mãe. O presente estudo utilizou a estilo parental combinado. O instrumento é composto por 24 itens, sendo 12 para a escala de exigência e 12 para a escala de responsividade. A forma impressa apresenta os itens em seqüência, em primeiro lugar são apresentados os 12 itens de exigência e, posteriormente, os 12 itens de responsividade. Os adolescentes são orientados a responder a cada item, verificando sua freqüência e intensidade através de uma escala de Likert de cinco pontos (variando de (0) quase nunca ou bem pouco a (4) geralmente ou bastante), em relação à mãe e ao pai. Os resultados das escalas são apresentados em escores obtidos através da soma das respostas dos itens dividida pelo número total de itens (não há itens que precisem ser revertidos), ou seja, através do cálculo da média. Dessa forma, a amplitude de escores possíveis fica igual nas duas escalas, igual à amplitude de respostas nos itens. Segundo Teixeira et al. (2004), para se estabelecer o estilo parental é necessário classificar os escores de exigência e responsividade como altos e baixos a partir das medianas. Mesmo não favorecendo a criação de grupos típicos de cada estilo, o uso da mediana diminui a exclusão de casos. Essa classificação já foi utilizada em estudos anteriores como os de Costa et al. (2000) e Pacheco et al. (1999). Teixeira et al. (2004) propõem que sejam desconsiderados, para a análise dos estilos parentais, aqueles casos cujos escores sejam idênticos aos valores das medianas em responsividade e exigência.

### ***Procedimento***

Após ter a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Puc-Campinas (no.150/04), a pesquisadora entrou em contato com a escola e encaminhou para a direção um resumo do projeto juntamente com uma carta justificando a importância do estudo e o interesse em realizá-lo em uma escola pública de ensino fundamental (EF) e médio (EM).

Foram selecionados para o estudo os alunos que estavam cursando a 8<sup>a</sup> série do EF e o 1<sup>o</sup>. e 2<sup>o</sup> ano do EM. Ao todo participaram do estudo quatro salas de 8<sup>a</sup>. série do EF, três salas do 1<sup>o</sup> ano do EM e duas do 2<sup>o</sup> ano do EM. Inicialmente, a pesquisadora foi em cada uma das salas para convidar os alunos a participarem do estudo. Foram esclarecidos o objetivo e a importância da pesquisa para os adolescentes. Em seguida, foram entregues para os alunos que tinham interesse em participar da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o adolescente e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais. Os alunos foram informados de que, para participarem, deveriam trazer, preenchidos e assinados, os dois termos, um do participante e outro dos pais ou responsável. Na mesma semana, os termos foram recolhidos.

Com a autorização, iniciou-se a coleta de dados. Com a autorização do professor, a pesquisadora chamou os alunos que haviam trazido os termos de consentimento devidamente preenchidos e os encaminhou para a sala onde seria realizada a coleta dos dados. As avaliações foram conduzidas com grupos de aproximadamente dezesseis alunos e duraram em média uma hora. Ao término da avaliação, os alunos eram encaminhados para a sala de aula.

## RESULTADOS

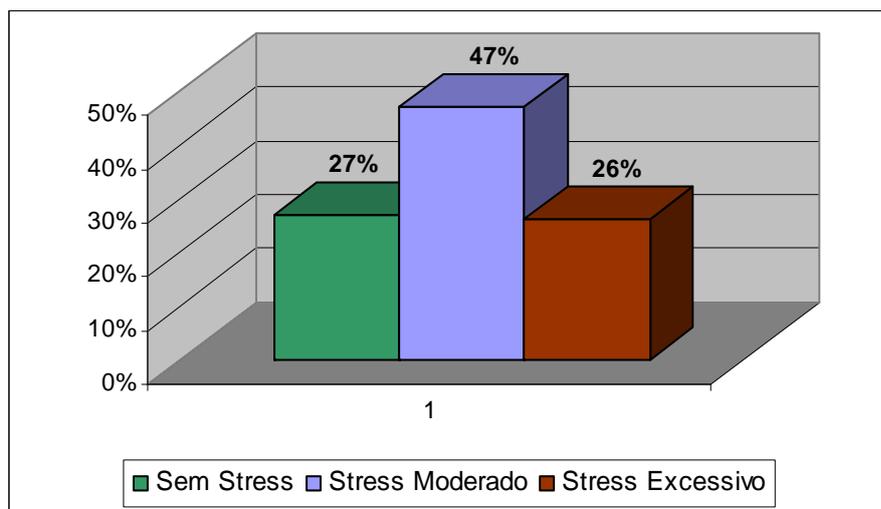
### *Método de Análise dos Dados*

Para analisar a relação entre as variáveis categóricas, foram feitas comparações dos pares de variáveis através da prova não paramétrica do Qui-Quadrado, ou, quando necessário, foi utilizado o Teste Exato de Fisher. Para analisar a relação entre uma variável numérica e uma variável categórica com duas classes, foi utilizado o Teste de Mann-Whitney, e para análise de duas variáveis numéricas foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman.

O nível de significância adotado para os testes estatísticos foi de 5% ( $p < 0.05$ ).

### *Análise Descritiva dos Dados Obtidos na ESA*

Observa-se na Figura 1 os níveis de stress da amostra com relação à incidência de stress. Apenas 27% da amostra estavam sem stress, sendo que 47% estavam com stress moderado e 26% com stress excessivo.



**Figura 1. Nível de stress da amostra.**

A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas, com medidas de posição e dispersão (média, desvio-padrão, Q1, mediana e Q3) dos escores da ESA. Para a classificação dos níveis de stress foram utilizados os quartis Q1 (25% da amostra com menores níveis de pontuação) e o Q3 (25% da amostra com maiores níveis de pontuação) como valor de corte. Com relação ao período não foi utilizada uma classificação, os dados foram analisados a partir do escore total como demonstra a Tabela 1.

**Tabela 1. Estatísticas descritivas dos escores da ESA**

<b>Itens</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>D.P.</b>	<b>Q1</b>	<b>Mediana</b>	<b>Q3</b>
<b>Sintoma</b>	100	110,94	32,41	83,00	113,00	134,50
<b>Período</b>	100	119,64	41,00	90,00	117,00	147,00

*Análise descritiva dos dados de exigência e responsividade parental*

Verificou-se que 50% dos pais apresentaram estilo parental caracterizado por alta exigência, como também 50% apresentaram estilo com baixa exigência. Já com relação à responsividade, os dados indicaram que 49% dos pais apresentaram estilo parental caracterizado por alta responsividade e 47% estilo com baixa responsividade, sendo que 4% apresentaram valores semelhantes aos da mediana.

A Tabela 2 apresenta as estatísticas descritivas dos escores de exigência e responsividade dos pais. Para a classificação dos níveis de exigência e responsividade, foram utilizados os valores das medianas como nota de corte.

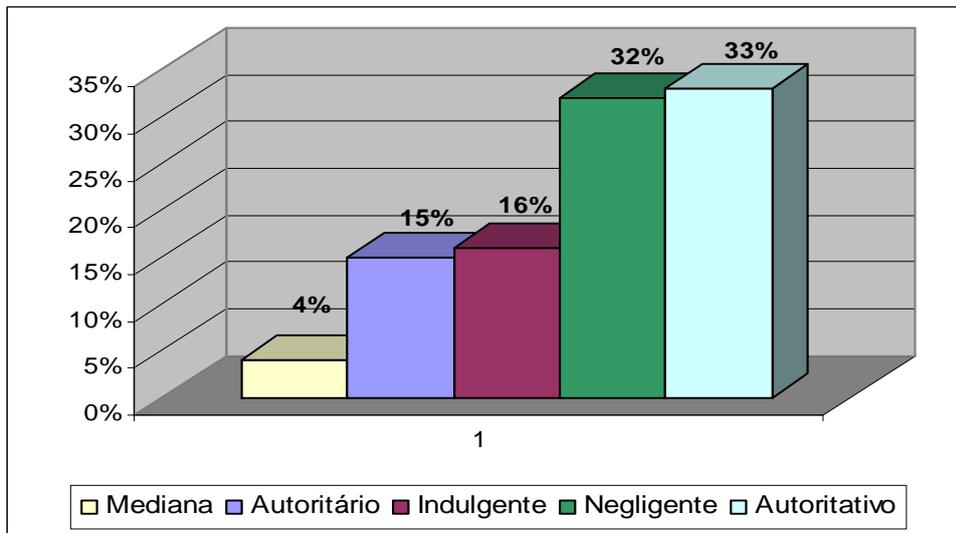
**Tabela 2. Estatísticas descritivas dos escores das escalas de exigência e responsividade parental**

<b>Itens</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>D.P.</b>	<b>Mediana</b>
<b>Exig.</b>	100	2,87	0,62	2,93
<b>Resp.</b>	100	3,05	0,69	3,12

**Exig.** = Exigência; **Resp.** = Responsividade.

*Análise descritiva dos dados de estilo parental*

Quanto ao estilo parental, os resultados indicaram que 33% dos pais utilizaram estilo autoritativo nas interações com seus filhos, seguido do estilo negligente, com 32%. As menores porcentagens corresponderam aos estilos indulgente (16%) e autoritário (15%), como demonstra a Figura 2.



**Figura 2. Estilo Parental**

***Correlação entre os escores de exigência/responsividade parental e stress***

A Tabela 3 apresenta correlações entre os escores de exigência e responsividade e os escores de stress (frequência de sintomas e período). Os resultados referentes à frequência de sintomas indicaram uma correlação negativa significativa entre a responsividade ( $r = -0,330$ ,  $p = 0,0008$ ), indicando que quanto menor o escore de responsividade, maior é a frequência de sintomas de stress. O período em que os sintomas vinham ocorrendo também apresentou uma correlação negativa significativa entre a responsividade ( $r = -0,286$ ,  $p = 0,003$ ). Os dados indicaram que quanto menor o escore de responsividade maior o tempo em que os sintomas de stress vêm ocorrendo.

**Tabela 3. Correlações entre Escores de Exigência/Responsividade e Stress**

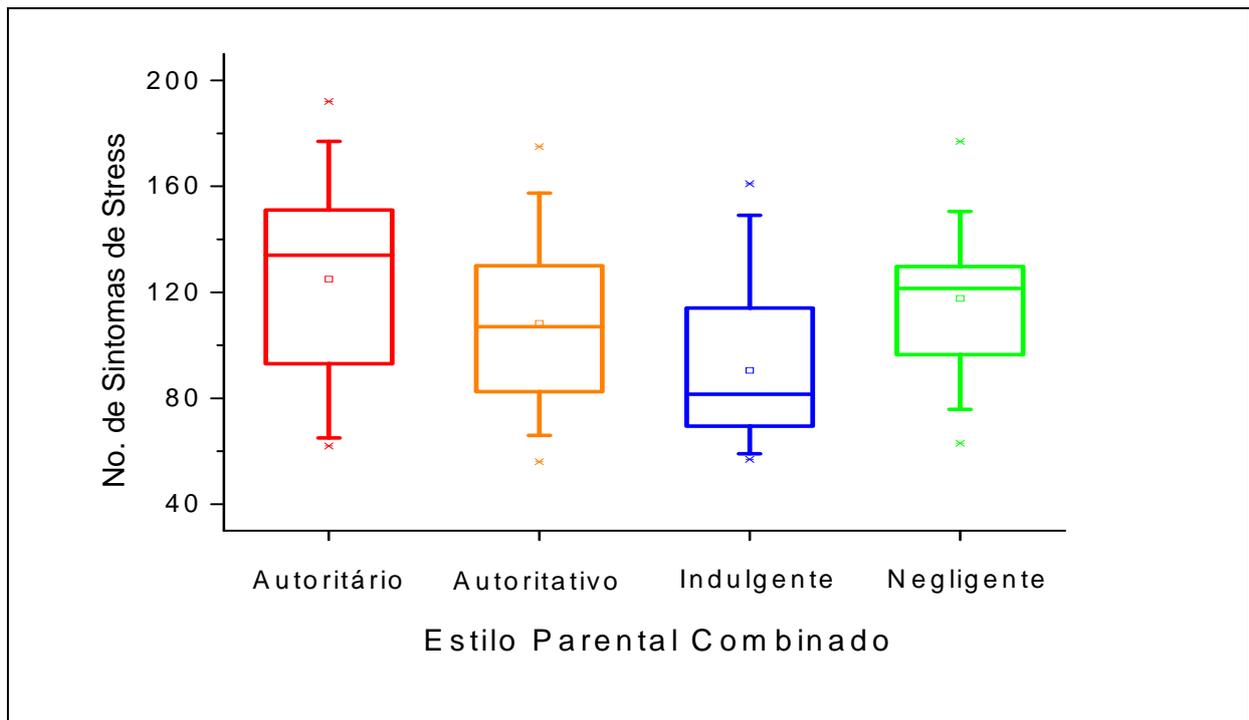
	EXIG	RESP
<b>Sintomas</b>	$r = -0,01070$ $P = 0,9158$	<b>-0,33033</b> 0,0008
<b>Período</b>	$r = -0,00879$ $p = 0,9308$	<b>-0,28688</b> 0,0038

\*  $r$ =coeficiente de correlação de Spearman;  $p = p$  - valor;  $n = 100$  indivíduos.

\*\* Exig = **Exigência**; Resp = **Responsividade**

### *Análise comparativa entre o estilo parental e o stress*

Foi realizado o cruzamento entre os níveis de stress (sem stress, stress moderado e stress excessivo) e os estilos parentais (autoritário, autoritativo, indulgente e negligente). Para analisar a evolução dos escores de stress entre os estilos parentais, foi utilizado um desenho esquematizado, como pode ser visto na Figura 3. No desenho, a mediana (traço do meio da caixa) e a média (quadrado) são medidas de tendência central, ou seja, resumem em apenas um valor o centro do conjunto de dados, mostrando que eles se distribuem ao redor desse valor. Para comparar os valores de cada grupo com os demais, analisa-se a sobreposição das caixas e das caudas entre os grupos. Esse resultado demonstra que o estilo indulgente apresenta um escore menor de sintomas de stress comparado com os demais estilos; já o estilo autoritário apresenta um escore maior de sintomas de stress, seguido pelo estilo negligente. O estilo autoritativo se encontra em uma posição intermediária. O Teste Exato de Fisher revelou haver uma associação significativa entre o estilo parental e o stress dos filhos adolescentes ( $p = 0,004$ ).



**Figura 3. Comparação entre os números de sintomas de stress dos adolescentes e os estilos parentais**

## DISCUSSÃO

Um primeiro resultado a ser considerado refere-se alta incidência de stress encontrada na população avaliada, 73% da amostra apresentou stress. Esse resultado também foi encontrado em outros estudos como o de Leal (2001) com 61,8% dos adolescentes com stress e o estudo de Calais, Andrade e Lipp (2003) com 65,6% dos jovens com stress. Devido a falta de um instrumento específico para avaliar o stress em adolescentes na época, esses dois estudos comparativos utilizaram o Inventário de Sintomas de Stress – ISS (Lipp & Guevara, 1994).

A alta incidência de stress nos adolescentes fortalece a idéia de que esta fase é mais suscetível ao stress, por ser um período marcado por intensas e constantes mudanças (biológicas, cognitivas, emocionais e sociais). Segundo Leal (2001), essas mudanças exigem do adolescente uma adaptação constante, o que por sua vez, promove o desencadeamento da reação de stress. Para Spilberger (1979) o próprio desenvolvimento humano corresponde a uma fonte de stress, pois em cada etapa novas situações surgem e a pessoa precisa se adaptar a elas.

Quanto à classificação do estilo parental, os resultados indicaram um predomínio dos autoritativo e negligente, seguidos pelo autoritário e indulgente. Esse resultado reflete os dados encontrados na literatura internacional e nacional (Lamborn et al., 1991; Steinberg et al., 1994; Pacheco et al. 1999; Costa et al.; 2000; Reppold, 2001; Bardagi, 2002; Teixeira et al.; 2004), o que sugere existir uma certa homogeneidade da percepção dos filhos quanto aos pais. Segundo Costa et al. (2000), a baixa incidência de pais indulgentes abre um questionamento em relação às práticas educativas predominante no Brasil, já que a sociedade brasileira é considerada permissiva. Os dados de Zagury (1997) vão ao encontro das observações de Costa et al. (2000): 58,5% da amostra de jovens entrevistados consideraram a educação que recebeu de seus pais “tradicional em algumas coisas, moderna em outras” e apenas 19,4% a consideraram “muito moderna e liberal”.

A alta incidência do estilo autoritativo deve ser analisada de forma positiva, pois significa que uma grande quantidade de pais está conseguindo equilibrar as práticas de controle e disciplina com afeto e respeito pelos filhos. No entanto, a alta incidência de pais

negligentes é preocupante, pois indica que um número significativo de pais não está sendo capaz de monitorar e proteger seus filhos. No estudo realizado por Bardagi (2002), com adolescentes de escolas públicas e privadas, observou-se que tanto os adolescentes de escolas públicas quanto os de escolas particulares apresentaram uma alta incidência de pais negligentes, indicando que a falta de comprometimento não é uma questão de condição socioeconômica ou baixa escolaridade, mas uma condição que atinge diferentes camadas sociais.

Ao correlacionar os escores de exigência e responsividade com os escores de stress (intensidade de sintomas e período), foi verificada uma associação entre stress e responsividade: quanto menor o escore de responsividade, maior é o escore de stress, tanto em intensidade dos sintomas quanto em período. Com base neste dado, a responsividade parece funcionar como um fator positivo para a prevenção e controle do stress em adolescentes, sendo que os estilos que não apresentam esse aspecto, como o autoritário e o negligente, podem ser indicados como os mais prejudiciais ao desenvolvimento do stress na adolescência.

Com relação à comparação entre os estilos parentais e o nível de stress dos adolescentes, os resultados indicaram uma associação significativa (Teste Exato de Fisher,  $p = 0,004$ ). Os piores resultados quanto ao nível de stress foram os apresentados pelos filhos de pais autoritários, que em sua maioria estavam com stress excessivo, seguido pelos filhos de pais negligentes, com predomínio de stress moderado. Os pais indulgentes apresentaram o melhor resultado, sendo que a maior parte de filhos não apresentaram stress. Já os filhos de pais autoritativos, apareceram mais bem distribuídos nos diferentes níveis de stress, não se destacando significativamente em nenhum deles.

Embora a literatura ainda não apresente dados sobre a relação do estilo parental percebido e o stress dos adolescentes, é possível resgatar outras associações que possibilitem a compreensão dos dados obtidos neste estudo. Diversas pesquisas vêm indicando que o estilo autoritário é um dos que mais apresenta prejuízos aos adolescentes. Aunola et al. (2000) ressaltam que diante das atitudes dos pais autoritários, os filhos sentem-se vigiados, diminuídos e criticados, também tendem a se sentirem inseguros e com medo (Chen, Dog & Zhou, 1997), apresentam baixa auto-estima e maior nível de hostilidade (Noller, 1994), além de níveis elevados de ansiedade e depressão (Aunola et al., 2000; Steinberg et al., 1994).

Nos estudos brasileiros, Pacheco et al. (1999) identificaram uma relação significativa entre o estilo autoritário e um alto nível de insegurança dos filhos em relação a situações interpessoais; Bardagi (2002) identificou níveis elevados de ansiedade, depressão e indecisão quanto à profissão a seguir; já Reppold (2001) percebeu uma ansiedade exacerbada, além de sentimentos negativos (como raiva e desesperança) ligados à depressão em filhos adotivos de pais autoritários.

Os dados destes estudos são corroborados pelo presente trabalho, já que os filhos de pais autoritários têm apresentado comprometimentos significativos em inúmeros indicadores psicológicos e agora também em relação ao stress. As práticas predominantes no estilo autoritário como a coerção, punição, críticas e a privação de afeto e privilégios, agem como significativas fontes de stress para o adolescente, ocasionando assim, stress excessivo.

Já o estilo negligente esteve presente de forma significativa em pais de filhos com nível moderado de stress, que também corresponde a um comprometimento relevante em relação ao stress. A literatura tem indicado que filhos de pais negligentes apresentam os menores índices de competência social e cognitiva e os maiores índices de problemas de internalização e de comportamentos (Aunola et al., 2000; Glasgow et al., 1997; Lamborn et al., 1991). Também se observa em adolescentes filhos de pais negligentes, os piores índices de ajustamento quando comparados aos outros três estilos. Essa negligência (baixa exigência e responsividade) com relação à criação dos filhos oferece pouco (ou quase nenhum) estímulo discriminativo para o comportamento adequado, o que facilita o desenvolvimento de dificuldades em discriminar e apresentar o comportamento socialmente adequado no meio em que vive (Lubi, 2002), tornando esse adolescente inábil para interagir em diferentes contextos sociais.

A falta de exigência dos pais negligentes pode ser apontada como o fator que contribuiu para que seus filhos não apresentassem uma alta incidência de stress excessivo, porém a falta de responsividade não permitiu que esses se apresentassem sem stress. Apesar dos filhos apresentarem um nível de stress intermediário, o estilo negligente não pode ser analisado como menos prejudicial que o estilo autoritário, pois esse nível sugere uma vulnerabilidade do adolescente ao stress. Uma conduta inadequada como a de pais negligentes, não cria condições ideais para o desenvolvimento de estratégias para lidar com os estressores da vida,

ao contrário, gera inúmeras inadequações e inabilidades que tornam o adolescente vulnerável ao stress.

Quanto aos filhos de pais indulgentes, que em sua maioria não apresentaram stress, a literatura aponta tanto aspectos positivos quanto negativos com relação a este estilo, os pontos positivos referem-se aos bons índices de auto-estima, bem-estar psicológico e afetividade (Glasgow et al., 1997; Lamborn et al., 1991), o que é justificado pelo fato de os pais indulgentes tenderem a ser tolerantes e afetivos, além de não fazerem exigências aos filhos e nem usarem punição. A falta do controle excessivo, a presença de afeto, diálogo e respeito podem dar indícios de aspectos positivos quanto à prevenção e controle do stress em adolescentes, porém, para uma melhor análise, é importante resgatar também os pontos negativos desse estilo. Filhos de pais indulgentes apresentam maior imaturidade (Dornbusch et al., 1987), pouco envolvimento em atividades escolares, maior agressividade e impulsividade, altos índices de problemas de comportamento (Glasgow et al., 1997; Lamborn et al., 1991; Maccoby & Martin, 1983). Segundo Dornbusch et al. (1987), o padrão indulgente gera resultados ambíguos e sentimentos conflitantes.

Apesar dos filhos de pais indulgentes terem apresentado os melhores índices com relação ao stress, é importante ressaltar que a falta total de controle, limites, regras e exigências pode levar ao desenvolvimento de filhos imaturos emocionalmente, incapazes de suportar frustrações e de lidar com pressões externas. Segundo Salton (1995), é altamente desejável adquirir respostas adaptativas frente às pressões externas o mais cedo possível na vida. Dessa forma, torna-se importante compreender que a responsividade parental representa um aspecto positivo com relação ao stress dos adolescentes, porém a ausência total de exigência pode significar um aspecto positivo momentaneamente, mas, em longo prazo, pode comprometer o adolescente que não adquiriu, no decorrer do seu desenvolvimento, estratégias para lidar com os estressores da vida. Sendo assim, filhos de pais indulgentes podem apresentar baixa incidência de stress enquanto adolescentes, porém correm o risco de se tornarem adultos vulneráveis ao stress.

O estilo autoritativo não foi o que apresentou os melhores índices em relação ao stress, mas foi o que apresentou um resultado mais coerente, sendo que os adolescentes avaliados se apresentaram bem distribuídos entre os três níveis de stress. A literatura tem apontado o estilo

autoritativo como sendo o que mais oferece benefícios ao desenvolvimento da criança e do adolescente. Entre os resultados positivos, estão: independência, cooperação com os pares e adultos, maturidade psicossocial e sucesso acadêmico (Darling & Steinberg, 1993; Glasgow et al., 1997), sentimentos de controle sobre os eventos de vida (McIntyre & Dusek, 1995), competência social e cognitiva (Dornbusch et al., 1987; Lamborn et al., 1991), e baixos índices de problemas de internalização e de comportamento (Aunola et al., 2000). Na pesquisa realizada por Pacheco et al. (1999), os filhos de pais autoritativos apresentaram menor índice de comportamento agressivo, menor índice de incômodo nas situações de interação interpessoal e maior grau de satisfação com o próprio comportamento, sugerindo uma maior confiança em suas próprias habilidades e competências.

Desta forma, filhos de pais autoritativos demonstram ter melhores condições para seu desenvolvimento, o que gera melhores habilidades para lidar com os estressores da vida. A combinação exigência e responsividade, parece criar um contexto equilibrado, onde a criança lida com regras e limites, porém também usufruem do apoio emocional oferecido pelos pais. A exigência deste estilo não permite que os adolescentes apresentem uma baixa incidência de stress como a apresentada pelos pais indulgentes, mas cria condições para que os filhos desenvolvam estratégias para lidar com frustrações, o que tornará este adolescente mais resistente ao stress no futuro. Porém, a responsividade dos pais presente neste estilo, evita a manifestação de um stress excessivo, que por sua vez, poderia prejudicar seu desenvolvimento, deixando-o mais vulnerável ao stress.

## CONCLUSÃO

Os resultados do presente estudo confirmam os dados da literatura que vêm indicando a fase da adolescência como um período muito suscetível ao stress. O jovem está exposto a inúmeras mudanças (física, psicológica e social) num curto período de tempo, o que exige uma constante necessidade de adaptação às novas situações, possibilitando, assim, o surgimento do stress. Apesar das pesquisas apontarem para esse fato, ainda existe um número pequeno de estudos nessa área.

Ao estudar a influencia de diferentes estilos parentais no nível de stress do adolescente, foi constatada uma associação significativa entre esses dois aspectos. O estilo indulgente apresentou um maior número de participantes sem stress, já os estilos autoritário e negligente apresentaram os piores índices quanto aos níveis de stress, sendo que o primeiro apresentou uma alta incidência de adolescentes com stress excessivo e o segundo apresentou uma alta incidência de stress moderado. Já os filhos de pais autoritativos se apresentaram mais bem distribuídos entre os níveis de stress, não se destacando de forma predominante em nenhum dos itens.

Os resultados sugerem que níveis altos de exigência parental, agem como fonte de stress para os adolescentes, já que os filhos de pais autoritários (alto nível de exigência e baixo de responsividade) apresentaram os piores resultados referentes ao stress, e os filhos de pais indulgentes (baixo nível de exigência e alto nível de responsividade) apresentaram os melhores índices com relação ao stress. Por outro lado, níveis altos de responsividade indicam ser um aspecto protetor quanto ao stress dos filhos, já que os filhos de pais indulgentes (baixa exigência e alta responsividade), seguido dos filhos de pais autoritativos (alta exigência e alta responsividade), apresentaram os melhores índices quanto ao nível de stress. Ao comparar o escore de responsividade com o escore dos sintomas de stress, foi observada uma associação significativa indicando que quanto menor o nível de responsividade maior o nível de stress, o que confirma o aspecto positivo da responsividade parental na prevenção ou no controle do stress dos filhos.

Analisando esses dados, observou-se que o estilo indulgente demonstrou ser a melhor forma de interação dos pais com os filhos, em relação a prevenção do stress excessivo na

adolescência. Porém vale ressaltar, que a literatura aponta que esse estilo parental apresenta tanto aspectos positivos quanto negativos para o desenvolvimento do adolescente, e no caso deste estudo, compreendeu-se que os filhos de pais indulgentes não apresentavam stress por não terem que lidar com um alto nível de exigência dos pais, além de vivenciarem uma relação de apoio emocional.

Pode se concluir, com base nos resultados, que os estilos autoritário e negligente, agem de forma prejudicial em relação ao stress do adolescente, já o estilo indulgente demonstra beneficiar o adolescente em relação ao stress nesta fase de sua vida. No entanto, esses dados promovem um questionamento em relação ao estilo indulgente, pois este não promove o desenvolvimento de competências fundamentais para que o jovem lide com as exigências da vida, por ter sido excessivamente protegido destas frustrações durante sua infância e adolescência. A falta dessas competências agirá de forma prejudicial no momento que este jovem precisar lidar com as adversidades da vida, ocasionando um stress excessivo.

## REFERÊNCIAS

Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas como forma de prevenção de problemas de comportamento. In: Guilhardi, H. J., Madi, M. B. B. P., Queiroz, P. P. & Scoz, M. C. (orgs). *Sobre o comportamento e cognição: expondo a variabilidade* (pp. 54-60). Santo André: ESEtec Editores Associados.

Aunola, K., Stattin, H., & Nurmi, J. (2000). Parenting Styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23, 205-222.

Bardagi, M. P. (2002). *Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Baumrind, D. (1967). *Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior*. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.

Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4, 1-103.

Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: contemporary issues. *Aggression and Violent Behavior*, 2, 321-335.

Calais, S. L., Andrade, L. M. B., & Lipp, M. N. (2003). Diferenças de sexo e escolaridade na manifestação de stress em adultos jovens. *Psicologia: reflexão e crítica*, 16 (2).

Chen, X., Dong, Q., & Zhou, H. (1997). Authoritative and authoritarian parenting practices and social and school performance in Chinese children. *International Journal of Behavioral Development*, 21, 855-873.

Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 465-473.

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-493.

Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, P. H., Roberts, D. F., & Fraleigh, M. J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development*, 58, 1244-1257.

Franca, C. A., & Leal, E. Q.(2003). A Influencia do stress excessivo no desenvolvimento da criança. In: M. E. N. Lipp (org). *Mecanismos Neuropsicofisiológicos do Stress: teoria e aplicações clinicas* (pp. 79-83).São Paulo: Casa do Psicólogo.

Frade, I. F. (2004). *Uso de substâncias psicoativas e estresse em adolescentes brasileiros: uma relação complexa*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Glasgow, K. L., Dornbusch, S. M., Troyer, L., Steinberg, L., & Ritter, P. L. (1997). Parenting styles, adolescents' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development*, 68, 507-529.

Greenberg, J. S. (1996). *Stress management*. United States of America: Brown & Benchmark Copyright.

Greene, J. W., & Walker, L. S. (1997). Psychosomatic problems and stress in adolescence. *Pediatric Clinics of North America*, 44 (6), 1557-1572.

Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.

Grusec, J. E., & Lytton, H. (1988). *Social development: history, theory and research*. New York: Springer-Verlang.

Guilhardi, H. J. (2002). Auto-estima, auto-confiança e responsabilidade. In: M. Z. Brandão, F. C. S. Conte & S. M. B. Mezzaroba (orgs). *Comportamento humano: tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor* (pp. 63-98). Santo André: ESEtec Editores Associados.

Leal, E. Q. (2001). *Stress em adolescentes: avaliação dos principais sintomas*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desenvolvimento Humano. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Brasil.

Lipp, M. E. N. (1996). Stress: conceitos básicos. In: M. E. N. Lipp (org). *Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco* (pp. 17-31). Campinas: Editora Papirus.

Lipp, M. E. N., & Guevara, A. H. (1994). Validação empírica do Inventário de Sintomas de Stress (ISS). *Estudos de Psicologia*, 11 (3), 43-49.

Lipp, M. E. N., & Malagris, L. E. N. (2001). O stress emocional e seu tratamento. In: B. Rangé, (org). *Terapias Cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria* (pp. 475-489). São Paulo: ArtMed Editora.

Lubi, A. P. L. (2002). *Estilo parental e comportamento socialmente habilidoso da criança com pares*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Paraná, Brasil.

Maccoby, E.E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P.H. Mussen (Series Ed.) & E.M. Hetherington (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (4th ed., pp. 1-101). New York: Wiley.

McIntyre, J. G., & Dusek, J. B. (1995). Perceived parental rearing practices and styles of coping. *Journal of Youth and Adolescence*, 24, 499-509.

Newcombe, N. (1999). *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Noller, P. (1994). Relationships with parents in adolescence: process and outcomes. In: R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (orgs). *Personal relationships during adolescence* (pp. 37-77). Thousand Oaks, USA: Sage.

Pacheco, J. T. B., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 2 (15), 117-126.

Parish, T. S., & McCluskey, J. J. (1992). The relationship between parenting styles and young adults' self-concepts and evaluation of parents. *Adolescence*, 27, 915-918.

Pacheco, J. T. B., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 2 (15), 117-126.

Pereira, M. M. B., & Tricoli, V. A. C. (2003). A influência do meio ambiente e de práticas parentais na vulnerabilidade ao stress. In: M. E. N. Lipp (org). *Mecanismos Neuropsicofisiológicos do Stress: teoria e aplicações clínicas* (pp. 43-50). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Reppold, C. T. (2001). *Estilo parental percebidos, auto-estima e depressão em filhos adolescentes adotados*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

Salton, J. (1995). Considerações a respeito do stress nas competições esportivas na infância e adolescência. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 17 (2), 160-163.

Smetana, J. G. (1995). Parenting styles and conceptions of parental authority during adolescence. *Child Development*, 66, 299-316.

Spielberger, C. (1979). *Understanding stress and anxiety*. San Francisco: Harper & Row Publishers.

Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Overtime changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65, 754-770.

Strage, A., & Brandt, T. S. (1999). Authoritative parenting and college student's academic adjustment and success. *Journal of Educational Psychology*, 91, 146-156.

Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., Hutz, C. S. & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 3, 1-12.

Tricoli, V. A. C., & Bignotto, M. M. (1999). Aprendendo a se estressar na infância. In: M. E. N. Lipp (org). *O stress está dentro de você* (pp. 113-126). São Paulo: Contexto.

Tricoli, V. (2002). *Escala de Stress para Adolescentes: criação e validação*. Tese de Doutorado. Puc-Campinas, São Paulo, Brasil.

Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P. & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(4), 323-331.

Zagury, T. (1997). *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record.

**ANEXO A**

**Escala de Stress para Adolescentes – ESA**

## **ESCALA DE STRESS PARA ADOLESCENTES - ESA**

**Valquiria Aparecida Cintra Tricoli (Tese de Doutorado – PUC-Campinas)**

### **INSTRUÇÕES**

A seguir você vai encontrar uma relação de sintomas que adolescentes na faixa etária de 14-18 anos costumam sentir quando estão estressados.

Não existem respostas certas ou erradas.

Gostaria que você assinalasse com um X, primeiro qual a frequência que você costuma sentir esses sintomas, da seguinte forma:

- 1 – não sente
- 2 – raramente sente
- 3 – às vezes sente
- 4 – quase sempre sente
- 5 – sente sempre

E num segundo momento você deve refletir sobre o período que esses sintomas vêm sendo observados por você, assinalando com um X, quando:

- 1 – não ocorreu
- 2 – tem ocorrido nas últimas 24 horas
- 3 – tem ocorrido na última semana
- 4 – tem ocorrido no último mês
- 5 – tem ocorrido nos últimos 6 meses

SINTOMAS					ITENS	PERÍODO				
1	2	3	4	5		1	2	3	4	5
					- Tenho dores de cabeça					
					- Sinto-me tenso (a)					
					- Aperto um dente contra o outro					
					- Fico introvertido (a) de repente – (fecho-me)					
					- Estou agressivo (a)					
					- Sinto-me impaciente para tudo					
					- Choro à toa					
					- Fico ansioso (a)					
					- Tenho tido dificuldades de relacionamento					
					- Sinto dores no peito					
					- Estou desanimado (a)					
					- Minha sensibilidade está aumentada – (excesso de emoção)					
					- Sinto-me inseguro (a)					
					- Não consigo deixar minha pele como quero					
					- Sinto-me deprimido (a)					
					- Tenho insônia					
					- Não consigo me concentrar					
					- Sinto-me apático (a) – (sem energia, indiferente a tudo)					
					- Fico grande parte do tempo isolado (a)					
					- Sinto-me irritado (a)					
					- Meus pensamentos são negativos					
					- Transpiro nas mãos					
					- Tenho gripe freqüentemente					
					- Sinto-me com dificuldade para aprender					
					- Tenho problemas com a auto-estima – (só vejo defeitos em mim)					
					- Sinto-me intolerante					
					- Tenho vontade de chorar					
					- Sinto-me triste					
					- Tenho tido dificuldade com o estudo					
					- Sou tímido (a)					
					- Não consigo controlar minhas emoções					
					- Minhas respostas são de sobressalto – (como se estivesse esperando algo de ruim acontecer)					
					- Sinto-me desanimado (a) e sem esperança					
					- Tenho enxaqueca					
					- Minhas mãos ficam trêmulas					
					- Tenho a sensação de fadiga e exaustão					

					- Sinto dores nas costas					
					- Sinto-me sem paciência					
					- Tenho dificuldade para enfrentar o meu dia – (é difícil o momento de levantar-se da cama)					
					- Uso drogas (qualquer tipo: bebida, cigarro, calmante, anabolizante, etc.)					
					- Não consigo estabelecer vínculos afetivos (amigo, namorado)					
					- Demoro a compreender as coisas					
					- Tenho dificuldades de fazer parte de grupos					
					- Sinto-me subitamente (de repente) entusiasmado (a) e com planos					

## **ANEXO B**

### **Escala de Responsividade e Exigência Parental percebidas**

Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de mães (biológicas). Para cada uma delas marque, à direita, a resposta que melhor se aproxima à sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Faça essa avaliação com base na mãe com quem você convive (mora), seja biológica ou substituta. Você pode usar os números 0, 1, 2, 3 e 4 dependendo da frequência ou intensidade com que ocorrem as situações descritas nas frases (quanto maior o número, mais frequente ou intensa é a situação). Não esqueça que você pode usar os números intermediários (1, 2 e 3) para expressar níveis intermediários de frequência ou intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 0 e 4. Assinale apenas uma resposta por frase, e não deixe nenhum item sem resposta.

Chave de respostas: (quase nunca ou bem pouco) 0 – 1 – 2 – 3 – 4 (geralmente ou bastante)

<i>A respeito de seus pais considera as seguintes frases:</i>	<i>MÃE</i>
1. Sabe aonde vou quando saio de casa.	0 1 2 3 4
2. Controla as minhas notas no colégio.	0 1 2 3 4
5. Exige que eu vá bem na escola.	0 1 2 3 4
6. Impõe limites para as minhas saídas de casa.	0 1 2 3 4
7. Me cobra quando eu faço algo errado.	0 1 2 3 4
8. Tem a última palavra quando discordamos sobre um assunto importante a meu respeito.	0 1 2 3 4
9. Controla os horários de quando eu estou em casa e na rua.	0 1 2 3 4
10. Faz valer as suas opiniões sem muita discussão.	0 1 2 3 4
12. Exige que eu colabore nas tarefas de casa.	0 1 2 3 4
13. Me cobra que eu seja organizado(a) com as minhas coisas.	0 1 2 3 4
14. É firme quando me impõe alguma coisa.	0 1 2 3 4
15. Me pune de algum modo se desobedeço uma orientação sua.	0 1 2 3 4
16. Posso contar com a sua ajuda caso eu tenha algum tipo de problema.	0 1 2 3 4
19. Me incentiva a que eu tenha minhas próprias opiniões sobre as coisas.	0 1 2 3 4
20. Encontra um tempo para estar comigo e fazermos juntos algo agradável.	0 1 2 3 4
21. Me explica os motivos quando me pede para eu fazer alguma coisa.	0 1 2 3 4
23. Me encoraja para que eu melhore se não vou bem na escola.	0 1 2 3 4
24. Me incentiva a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça.	0 1 2 3 4
25. Se interessa em saber como eu ando me sentindo.	0 1 2 3 4
26. Ouve o que eu tenho para dizer mesmo quando não concorda.	0 1 2 3 4
27. Demonstra carinho para comigo.	0 1 2 3 4
28. Me dá força quando eu enfrento alguma dificuldade ou decepção.	0 1 2 3 4
29. Mostra interesse pelas coisas que eu faço.	0 1 2 3 4
30. Está atenta(o) às minhas necessidades mesmo que eu não diga nada.	0 1 2 3 4

Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de pais (biológicos). Para cada uma delas marque, à direita, a resposta que melhor se aproxima à sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Faça essa avaliação com base o pai com quem você convive (mora), seja biológico ou substituto. Você pode usar os números 0, 1, 2, 3 e 4 dependendo da frequência ou intensidade com que ocorrem as situações descritas nas frases (quanto maior o número, mais frequente ou intensa é a situação). Não esqueça que você pode usar os números intermediários (1, 2 e 3) para expressar níveis intermediários de frequência ou intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 0 e 4. Assinale apenas uma resposta por frase, e não deixe nenhum item sem resposta.

Chave de respostas: (quase nunca ou bem pouco) 0 – 1 – 2 – 3 – 4 (geralmente ou bastante)

<i>A respeito de seus pais considere as seguintes frases:</i>	<i>PAI</i>
1. Sabe aonde vou quando saio de casa.	0 1 2 3 4
2. Controla as minhas notas no colégio.	0 1 2 3 4
5. Exige que eu vá bem na escola.	0 1 2 3 4
6. Impõe limites para as minhas saídas de casa.	0 1 2 3 4
7. Me cobra quando eu faço algo errado.	0 1 2 3 4
8. Tem a última palavra quando discordamos sobre um assunto importante a meu respeito.	0 1 2 3 4
9. Controla os horários de quando eu estou em casa e na rua.	0 1 2 3 4
10. Faz valer as suas opiniões sem muita discussão.	0 1 2 3 4
12. Exige que eu colabore nas tarefas de casa.	0 1 2 3 4
13. Me cobra que eu seja organizado(a) com as minhas coisas.	0 1 2 3 4
14. É firme quando me impõe alguma coisa.	0 1 2 3 4
15. Me pune de algum modo se desobedeço uma orientação sua.	0 1 2 3 4
16. Posso contar com a sua ajuda caso eu tenha algum tipo de problema.	0 1 2 3 4
19. Me incentiva a que eu tenha minhas próprias opiniões sobre as coisas.	0 1 2 3 4
20. Encontra um tempo para estar comigo e fazermos juntos algo agradável.	0 1 2 3 4
21. Me explica os motivos quando me pede para eu fazer alguma coisa.	0 1 2 3 4
23. Me encoraja para que eu melhore se não vou bem na escola.	0 1 2 3 4
24. Me incentiva a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça.	0 1 2 3 4
25. Se interessa em saber como eu ando me sentindo.	0 1 2 3 4
26. Ouve o que eu tenho para dizer mesmo quando não concorda.	0 1 2 3 4
27. Demonstra carinho para comigo.	0 1 2 3 4
28. Me dá força quando eu enfrento alguma dificuldade ou decepção.	0 1 2 3 4
29. Mostra interesse pelas coisas que eu faço.	0 1 2 3 4
30. Está atenta(o) às minhas necessidades mesmo que eu não diga nada.	0 1 2 3 4

